

---

# O antropólogo aprendiz: quando o aprendizado de jovens no saber carnavalesco contribui para o processo de pesquisa

---

**Simone Sayuri Takahashi Toji**

Mestrado em Sociologia e Antropologia  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – IFCS  
São Paulo - SP [Brasil]  
[simonetoji@yahoo.com.br](mailto:simonetoji@yahoo.com.br)

**Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti**

Pós-Doutora – Columbia University  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
[lauracavalcanti@pq.cnpq.br](mailto:lauracavalcanti@pq.cnpq.br)

Neste estudo, evidenciou-se a relação entre o processo de pesquisa antropológica – focalizado no trabalho etnográfico – e o de transmissão do saber carnavalesco – um conhecimento informal –, que se desenvolveu em uma escola de samba carioca, mostrando que é possível aliar a ação educativa à pesquisa acadêmica.

**Palavras-chave:** Ação educativa. Aprendizado. Escola de samba. Pesquisa antropológica. Saber popular.

## 1 Introdução

A reflexão empreendida, neste estudo, faz parte da experiência de campo realizada em 2004 e 2005 para o desenvolvimento de pesquisa de mestrado em antropologia sobre a festa de carnaval. Tendo como foco a organização de uma escola de samba do Rio de Janeiro, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira e, principalmente, a apresentação corporal dos passistas no desfile carnavalesco, o trabalho de campo envolveu-se com a dinâmica de aprendizado de jovens e crianças participantes da agremiação sobre como tornar-se um passista de escola de samba. Ao contribuir com a formação desses jovens, propondo a realização de encontros entre os alunos do curso de passista da escola de samba e figuras consagradas da arte do samba, a pesquisadora construiu um instrumento de coleta de dados e informações relevantes à pesquisa.

## 2 A Estação Primeira de Mangueira, o samba no pé e os passistas

A escola de samba escolhida para a investigação foi o Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Fundada em 28 de abril de 1928 por figuras como Cartola e Carlos Cachça (CABRAL, 1974), uniu diferentes grupos carnavalescos – blocos principalmente – presentes no complexo geográfico chamado Morro da Mangueira, na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, localiza-se num espaço incrustado no morro denominado “Palácio do Samba”<sup>1</sup>. A escola de samba Mangueira participa atualmente dos desfiles do carnaval carioca no seletor Grupo Especial que reúne as dez

maiores escolas do Rio de Janeiro e é organizado pela Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA)<sup>2</sup>.

A Mangueira tem uma peculiaridade: a reivindicação do título de escola mais tradicional do carnaval carioca. Essa postura faz parte de um discurso estratégico para destacá-la das demais escolas de samba do Rio de Janeiro. Essa “tradição” foi constituída reverenciando dois aspectos principais: o de ter protagonizado o início das escolas de samba no carnaval carioca – como pode ser verificado no próprio sítio eletrônico da agremiação [www.mangueira.com.br](http://www.mangueira.com.br) – e o de preservar em seu desfile a participação da comunidade mangueirense.

Outro ponto “reclamado” para compor a tradição da comunidade mangueirense é o “samba no pé” habilidade corporal que só quem é do mundo do samba sabe fazer. A atitude mais emblemática disso é que, enquanto a maioria das escolas de samba convida celebridades do meio televisivo para madrinhas de suas baterias, a Mangueira dá preferência às mulheres de sua comunidade.

Os passistas são homens e mulheres virtuosos do samba, que concentram em si a tarefa de demonstrar o “samba no pé” num desfile de escola de samba. Atualmente, podemos encontrá-los na ala que segue a Bateria e à frente de cada Ala de Bateria, como Rainhas e Musas. Outras alas também desenvolvem movimentos dançantes ao som do samba-enredo. Afinal, carnaval só vale quando é bem pulado e brincado.

O exemplo dos movimentos corporais da Ala das Baianas é bem particular, elas giram em torno de si, no sentido horário e anti-horário durante a marcha do desfile. Pode-se dizer que cada ala tem sua “especialidade”: a Ala das Baianas reverencia a ancestralidade das “tias” e da antiga geração; a Velha Guarda preserva os

antigos integrantes; os Mestres-salas e as Porta-bandeiras carregam o pavilhão da escola, a Ala da Bateria tem de levar a batucada em conjunto os compositores e cantores, além disso, existem alas que ajudam a levar o enredo encarnado nas fantasias. Já a Ala dos Passistas seria encarregada de mostrar com mais veemência o gingado do “samba no pé”.

### 3 A organização da escola de samba e o saber carnavalesco

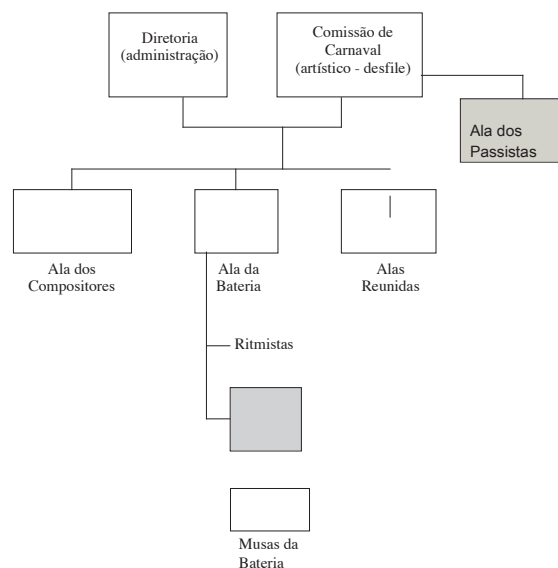
A escola de samba procura essencialmente mostrar sua beleza e grandiosidade num desfile que ocorre uma vez por ano, durante o carnaval. Sua estrutura e seus esforços estão voltados para esse único dia. Por isso, a organização de uma escola de samba trabalha o ano inteiro para “acontecer” na avenida<sup>3</sup> no carnaval. Para realizar essa façanha, seus integrantes desenvolveram habilidades particulares, por vezes acumuladas de anos de festas realizadas e sempre aperfeiçoadas, que aqui chamamos de “saber carnavalesco”. Tal saber é um conhecimento informal, posto que não é aprendido em instituições oficiais de educação, mas adquirido na contínua participação dessa manifestação popular.

A organização de uma escola de samba está dividida também de acordo com a especialização desse saber carnavalesco. Existe uma parte administrativa da agremiação, responsável por administrar as demandas burocráticas e de interface com a sociedade. Mas, para o desfile, importa mais a constituição da esfera artística de organização. Assim, existe a Comissão de Carnaval, responsável pelas alas dos Compositores, da Bateria e das Reunidas. A Ala dos Compositores e a da Bateria são consideradas “alas técnicas”, nas quais o critério

de pertencimento se baseia no domínio de um saber específico e existe, por isso, maior restrição para seu acesso. As Alas Reunidas abrigam inúmeras alas e grupos de componentes, cujo critério de participação é menos restrito, pois o elo de relacionamento é somente a fantasia.

A ala dos compositores é definida pelo domínio da técnica de como produzir os sambas-enredos e cantar; a da bateria, de como levar o ritmo e a percussão musical; dos passistas, do saber carnavalesco de articular corporalmente a música, o tema da escola no ano e a própria experiência de sambar, por isso, nem todas as pessoas podem ser passistas no desfile de uma escola de samba.

Se na organização interna da escola de samba os integrantes apresentarem a formação indicada (Quadro 1) no desfile carnavalesco, eles ganharão uma posição ritual diversa. Para visualizar mais detalhadamente quais são essas posições conforme cada habilidade é necessário explicar que um desfile é construído com



**Quadro 1: Posição dos passistas dentro do sistema organizacional da Escola de Samba de Mangueira**

Fonte: Os autores.

uma sucessão de alas de integrantes. Cada ala é um grupo específico de foliões, que podem ser apenas brincantes com a fantasia ou ter funções mais específicas, como a ala das Baianas, da Bateria ou dos Passistas. Cada escola escolhe como realizará a sucessão de alas na avenida, porém é recorrente que se situe no centro do préstito a combinação: Rainha ou Musa da Bateria, seguida da Ala da Bateria, do carro de som e da Ala dos Passistas, enquanto as outras preenchem o começo e o fim do conjunto. Veja o Quadro 2.

#### 4 A transmissão do saber carnavalesco e a Mangueira do Amanhã

O saber carnavalesco não é algo que se aprende apenas lendo um livro ou ouvindo alguém falar. É um conhecimento que só se adquire quando se participa dos eventos dentro da escola de samba. É comum ouvir dizer que esse saber é privilégio de gente de cor ou de morador de morro, mas isso ocorre porque normalmente essas pessoas estão muito mais próximas de participar das manifestações carnavalescas no seu dia-a-dia. Muitos deles, quando não estão envolvidos diretamente, têm parentes e conhecidos absorvidos pelas atividades de uma escola de samba.

Até pouco tempo atrás, só freqüentando assiduamente as festas de uma escola de samba

é que alguém conseguia acesso ao aprendizado desse conhecimento, que precisa ser vivenciado e experimentado presencialmente. O saber carnavalesco é um saber que se adquire coletiva e socialmente. É preciso relacionar-se com os outros para poder aprendê-lo. Com muita sorte, um ou outro recebiam as simpatias de alguma figura aclamada do samba, e esse se tornava, então, seu mestre.

Atualmente, as principais escolas de samba estão organizando a formação de jovens e crianças para preencher seus futuros quadros de integrantes no desfile de carnaval. A Mangueira estabeleceu cursos de bateria, de passistas, de mestre-sala e porta-bandeira para crianças e jovens das redondezas, vinculando-os ao seu projeto de ação social na comunidade. Esses cursos fornecem os integrantes da chamada escola mirim, a Mangueira do Amanhã, que realiza desfiles nos moldes da escola principal, mas é formada apenas de crianças e adolescentes.

#### 5 O trabalho de campo da pesquisa e o envolvimento com o curso de formação da escola de samba

Iniciaram-se visitas periódicas à quadra da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira em maio de 2004. Após apresentação à direção administrativa da escola no período de menor atividade de preparação carna-

Comissão de frente	Alas	...	Mestre-sala e Porta-bandeira Principal	Musas da Bateria	Ala da Bateria	Ala dos Passistas	...	Alas
--------------------	------	-----	--	------------------	----------------	-------------------	-----	------

**Quadro 2: Modelo de sucessão de alas num desfile de escola de samba**

Fonte: Os autores.

valesca (LEOPOLDI, 1978; CAVALCANTI, 1994) – de março a julho – começou-se o contato com os passistas por meio de aulas dadas a garotas. As aulas de dança são ministradas por passistas que desfilam pela agremiação. Foi nessas aulas que melhor se pôde acompanhar o desenvolvimento do trejeito corporal, aprendendo como os passistas-professores consideram as artes corporais do samba.

Essas aulas fazem parte do projeto social da escola de samba (GONÇALVES, 2002), no qual pessoas que moram no entorno têm acesso gratuito a atendimento médico (clínico-geral, psicólogo), cursos profissionalizantes (cabeleireiro, bijuterias, corte e costura, agente de turismo e muitos outros) e cursos socioeducativos (de modelo, de balé clássico etc.), estando as aulas de passistas incluídas nessa última variante. Aliás, os cursos de caráter socioeducativo são voltados, em sua maioria, para crianças e jo-

vens, que, ao participarem deles, recebem uma cesta básica todo mês. Tudo isso ocorre nas instalações da quadra da Mangueira, no famoso “Palácio do Samba”, localizado na Avenida Visconde de Niterói, incrustado no complexo de morros da Mangueira.

Nesse ambiente de “projeto social”, como elemento externo passível de contribuir para o “desenvolvimento da comunidade”, acabamos assumindo o papel que a direção administrativa nos atribuiu, com os professores das aulas de passistas, apresentamos um projeto de atividades para as alunas.

A atividade foi implantada de agosto a setembro de 2004. Procuramos conhecer pessoas importantes para abordar o tema passista na Mangueira, ao mesmo tempo envolvemos algumas pessoas da escola de samba com tais descobertas. Encontramos um bom pretexto nos questionamentos das alunas para entrar em contato

### **Atividade para as alunas do curso de passista da Mangueira**

#### **Apresentação**

Nesta proposta, pretende-se satisfazer a curiosidade das alunas do curso de dança sobre o que é ser passista na Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. Para isso, este trabalho visa pôr a geração-mirim de passistas em contato com pessoas consideradas importantes para o tema.

#### **1 Objetivo**

Complementar a formação das alunas sobre a posição de passista dentro da escola de samba.

#### **2 Justificativa**

Levantar a memória da comunidade e de pessoas ligadas à escola de samba sobre a vivência de passista e colocar a “nova geração” em contato com essa história.

#### **3 Modo de fazer**

Trazer convidados a serem entrevistados pelos grupos de alunas do curso.

As alunas estarão sempre acompanhadas de um responsável que também as preparará para realizar as entrevistas. Pessoas a entrevistar (sugestão): presidente e vice-presidente da escola de samba, carnavalesco, passistas antigos e célebres, atual rainha da bateria, presidente da bateria, passistas atuais, outras pessoas a serem incluídas.

#### **4 Estrutura necessária**

– Para as alunas se deslocarem: bilhetes de ônibus e autorização dos pais.

– Para receberem os entrevistados: espaço na quadra da Mangueira.

Material: papel e lápis.

#### **5 Cronograma**

-----

com personalidades do assunto, suas perguntas nos levaram a conhecer um pouco da experiência de ser passista e de aprender a sê-lo.

Foram realizados encontros com cinco convidados da escola de samba: um passista masculino mais antigo, a primeira princesa da Bateria de 2004, o presidente da Bateria, a professora do curso – que também é passista da escola – e um dos mais antigos mestres-salas da agremiação. A escolha dos nomes foi feita em conjunto com os professores do curso de passista. Nem todos os que foram convidados tiveram disponibilidade para participar das entrevistas; por isso, a seleção realizada não foi a mais representativa, mas a melhor e possível de executar. A cada encontro, um convidado por vez falou sobre sua experiência. Essas reuniões foram registradas em fotos e gravadas.

A dinâmica dos encontros foi feita do modo seguinte: primeiro, nós e um dos professores do curso apresentávamos o convidado; em seguida, passávamos a palavra às meninas que efetuavam as perguntas. Se as questões tardavam a ser feitas, nós ou o professor presente lançávamos alguma para manter o ritmo da discussão. Às vezes, o próprio convidado já trazia as questões que pretendia abordar. O espaço de participação foi preferencialmente dado às aprendizes-passistas; porém, também aproveitamos para fazer algumas perguntas consideradas importantes à pesquisa. O mais interessante foram as surpreendentes perguntas que as alunas fizeram aos convidados, porque confundiram as noções que tínhamos de samba, carnaval e passista. A questão “Qual a diferença entre passista e mulata?”, por exemplo, produziu um “ruído” que levou à reflexão sobre o significado do que é ser mulata. Ou ainda, “Você prefere a avenida ou o palco?” revelou que existem diferentes lugares de apresentação do passista

de escola de samba. Era como se as alunas estivessem ensinando quais eram as principais linhas de preocupação de um passista, com as quais elas, como aspirantes, tinham certa familiaridade e queriam incorporar. Enquanto suas perguntas aos entrevistados pareciam corriqueiras, à pesquisadora causaram muito estranhamento. Talvez, porque tinham ocupado o lugar de indagador, geralmente atribuído ao pesquisador ou jornalista, restando à investigadora o encargo de apenas criar o espaço propício para o encontro e o diálogo. As alunas se mostraram entrevistadoras perspicazes, e seus depoimentos foram memoráveis e instigadores. Se a pesquisa permitiu o uso de certa observação participante, para nós, as alunas foram participantes-observadoras apuradas.

Neste estudo, essa série de encontros estimulou re-elaborações de questões e propiciou maior aproximação com os professores-passistas, enquanto para as meninas, foi apenas um momento de descanso das exigentes aulas de dança.

Com a realização dessa atividade complementar ao curso de passistas, as descobertas dos aprendizes se tornaram também objeto de pesquisa. O impacto dessa ação educativa pode não ter sido expressivo, mas sublinha a possibilidade de associar a investigação acadêmica a uma atuação mais relacional no mundo social, pois assim, reconhece que, quando empreendemos uma pesquisa, não somos agentes neutros e imparciais, mas atores enredados em relações sociais, como já ensinou Becker (1977).

## Notas

- 1 Para uma evolução dos espaços utilizados pela escola de samba acompanhando a transformação de sua estrutura social, ver Goldwasser (1975).

- 2 Para maiores informações sobre o processo de criação da Liga e sua relação com o patronato carioca do jogo do bicho ver Cavalcanti (1994; 1999).
- 3 Denominação popular do local no qual se realizam os desfiles de Carnaval, também apelidado de sambódromo. No Rio de Janeiro, a rua na qual se realizam tais eventos chama-se Marquês de Sapucaí.
- 4 O modelo apresentado se refere apenas ao conjunto de pessoas integrantes de um desfile de escola de samba, excluindo-se a presença dos carros alegóricos.

## Referências

BECKER, Howard Saul. *Teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CABRAL, S. *As escolas de samba – o que, quem, onde, como, quando e porquê*. Rio de Janeiro: Fontana, 1974.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

\_\_\_\_\_. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GOLDWASSER, Maria Julia. *O Palácio do samba – estudo antropológico da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. *A Vila Olímpica da Verde e Rosa*. Tese. (Doutorado em Saúde Coletiva)- Instituto de Medicina Social, UERJ, Rio de Janeiro, 2002.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de samba, ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1978.



